

**FAKE NEWS E ENSINO: O TRABALHO DO PROFESSOR DE ENSINO BÁSICO NO  
COMBATE À NOTÍCIA FALSA**

Autor1: Losana Hada de Oliveira Prado

Modalidade: COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA



## RESUMO

A formação do professor perpassa vários segmentos da sociedade, não só o acadêmico, trata-se de um processo contínuo. Se aconteceu um atentado na Europa, se houve um terremoto com milhares de vítimas na Ásia, se uma epidemia está nas páginas dos jornais e nas mídias, o professor se vê na obrigação de conversar com seus alunos sobre o que foi noticiado, uma vez que tem a responsabilidade de formar cidadãos críticos e autônomos, enquanto que a escola é lugar e espaço de discussão acerca do que acontece na sociedade como um todo. Dessa forma, o presente trabalho analisa como o fenômeno das *fake news* está sendo tratado nas escolas, de forma a propiciar um alerta e cuidado sobre a disseminação de notícias falsas que veiculam, principalmente, pela internet. Analisamos duas reportagens que abordam a questão das *fake news*, publicadas no jornal impresso e on-line, em que colégios discutem o tema e ensinam como os alunos devem questionar conteúdos veiculados nas redes sociais. Segundo Paulo Freire (1991: 80), em relação à atualização de professores, o pedagogo afirmava que “... a formação do educador deve instrumentalizá-lo para que ele crie e recrie a sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano” e que o aluno precisa ser o protagonista de seu processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** *Fake news*; Formação do professor; Novas tecnologias.

## INTRODUÇÃO

*“Continuo buscando, re-procurando.  
Ensino porque busco, porque indaguei,  
porque indago e me indago.  
Pesquiso para conhecer  
o que ainda não conheço e comunicar  
e anunciar a novidade”.*

**Paulo Freire**

Um dos grandes desafios na educação é a formação do professor. A forma como esse profissional é tratado socialmente precisa ser mudado, pois é sabido que somente através dele que teremos êxito nos demais setores da sociedade. O professor precisa estar em constante formação e mesmo que não seja seu objetivo primeiro esse processo contínuo, não há como ignorar os eventos cotidianos que o forcem a repensar novas estratégias metodológicas para trabalhar com seus alunos. A teoria e a prática são entraves no processo de ensino aprendizagem, uma vez que não há articulação entre o que é aprendido na universidade e a maneira como os conceitos devem ser aplicados na prática do dia a dia nas escolas. Assim, a pergunta de partida para nossa reflexão acerca dos *fake news* é: De que maneira professores, muitas vezes com formação deficitária, trabalham, em sala de aula, as falsas notícias veiculadas pela mídia em geral e qual a importância desse trabalho para a formação do leitor crítico, atento e consciente daquilo que lê?

Nesse contexto, pensar as novas tecnologias é de extrema importância e urgência, visto que a atual geração se apropriou de um universo digital e de uma nova linguagem que o professor de hoje desconhece ou ainda não se preparou. Segundo Tardif (2002:39), é preciso fazer a teoria e a prática se entrecruzarem:

[...] professor ideal é alguém que deve conhecer a matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.

Nosso intuito não é o de traçar panorama geral da formação do professor no Brasil, mas compreender como essa formação vai interferir positivamente ou negativamente na abordagem do tema das *fake news* em sala de aula.

### **FAKE NEWS: CONCEITO NOVO OU NOVO CONCEITO?**

Segundo o dicionário estadunidense Merriam-Webster, o termo “fake news” ou falsas notícias já existe há mais de cem anos e, por considerá-lo termo autoexplicativo, o dicionário não o incluiu em seu dicionário como verbete separado, logo, não se trata de um conceito novo, mas uma nova maneira de se referir à notícia falsa, que tem a intenção de propagar uma mentira ou induzir a erro os receptores da mensagem. Roberto Darnton, historiador e professor da Universidade de Harvard, vai mais longe e afirma, em entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo*<sup>1</sup>, que as notícias falsas são relatadas desde a Idade Antiga e cita:

Procópio foi um historiador bizantino do século 6 famoso por escrever a história do império de Justiniano. Mas ele também escreveu um texto secreto, chamado “Anekdotá”, e ali espalhou “fake news”, arruinando completamente a reputação do imperador Justiniano e de outros. Era bem similar ao que aconteceu na campanha eleitoral americana. (DARNTON: 2017)

Dessa forma, é possível considerar que se algo mudou em relação às falsas notícias, não foi somente a sua veiculação, mas a forma como os leitores “aceitam”, leem e depreendem esse tipo de notícia. Vive-se a era da pós-verdade que, segundo o Dicionário Oxford, refere-se ao período em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais. Em um primeiro momento, com o fenômeno da internet, é notória a rapidez com que as notícias, sejam verídicas ou não, se espalham entre as plataformas digitais e, em seguida, a propagação via

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida ao jornalista Fábio Victor, publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, no caderno *Ilustríssima*, de 19/02/2017. Acesso em 15/07/2018.

aplicativos, como os grupos de WhatsApp, por exemplo. Todo esse imediatismo se deve a uma necessidade criada e alimentada pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) de que é indispensável estar atento a tudo o que acontece no mundo globalizado e, principalmente, compartilhar e se mostrar ativo e atento aos novos meios digitais.

A *fake news* já é discutida no mundo todo e a ONU<sup>2</sup>, (Organização das Nações Unidas), preocupada com a repercussão do fenômeno, publicou, em setembro de 2017, a seguinte nota:

Em meio ao aumento da proliferação de notícias falsas – “Fake News”, em inglês – e do desafio de discernir entre informações verídicas e falsas, um fórum das Nações Unidas discutir no início desse mês formas de tratar deste complexo assunto. O encontro debateu caminhos para levar aos cidadãos as habilidades e ferramentas necessárias para avaliar a credibilidade de qualquer conteúdo da mídia ou de uma fonte de notícias.

No Brasil, assim como em outros países, já é possível se analisar Fake News que repercutiram na imprensa oficial como exemplos do que causa a falsa notícia. Como o presente estudo tem como foco a questão da educação e formação do professor, vale lembrar o caso da Escola Base<sup>3</sup> de São Paulo, em que notícia falsa de abuso sexual de crianças destruiu a reputação dos proprietários da escola e levou ao encerramento das atividades da instituição. Diante da propagação desse fenômeno, refletimos acerca de como se insere o trabalho do professor nessa discussão junto aos alunos, sobretudo aqueles do ensino médio, que enfrentarão a fase do vestibular e precisam, para a prova de redação, senso crítico, discernimento e leitura de mundo dos fatos que circulam a sua volta.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://nacoesunidas.org/verificar-informacoes-antes-de-compartilhar-e-a-melhor-forma-de-combater-noticias-falsas-destaca-forum-da-onu/>. Acesso em: 17/07/18.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://portal.mackenzie.br/fakenews/noticias/arquivo/artigo/escola-base-um-caso-que-nao-pode-ser-esquecido/>. Escola Base: um caso que não pode ser esquecido. Acesso em: 17/07/18.

## **FAKE NEWS NO ENSINO BÁSICO**

Isso posto, apresentaremos algumas ações de como essa temática é discutida na educação básica, sobretudo no ensino médio, entre adolescente que estão em fase de formação para um olhar crítico sobre os novos acontecimentos e em fase de preparação para o vestibular. Segundo o professor de ciências Estêvão Zilioli<sup>4</sup>, de Ourinhos, 360 km de São Paulo, é importante que os próprios alunos busquem as notícias de cunho duvidoso para análise em sala de aula. O professor ainda acrescenta que a ideia é que os alunos desconfiem das notícias e se perguntem se a fonte e dados são confiáveis.

Em ano de eleição no Brasil, é de suma importância levar para a sala de aula a discussão sobre *fake news*, sobretudo no âmbito da imprensa e da política. Tratando-se de ano eleitoral, tramita no Congresso Nacional um projeto para combater as falsas notícias. Entretanto, sabe-se que são inúmeros os compartilhamentos de notícias falsas nas redes sociais devido à crença que a maioria das pessoas têm no meio digital. Diante desse cenário, torna-se urgente a abordagem do assunto entre os jovens, mesmo eles sendo nativos digitais. Segundo a professora Mônica Fantin<sup>5</sup>, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e líder do grupo de pesquisa Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte, o acesso à informação precisa ser orientado pelo educador e pela escola, uma vez que as mídias protagonizam o cenário das informações.

Segundo a pesquisadora Claire Wardle, em seu artigo de 26 de fevereiro de 2017, no First Draft News, para combater as *fake news* é preciso entender três pilares:

- diferentes tipos de conteúdos que estão sendo criados e compartilhados;
- motivações de quem cria esse conteúdo;

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43789480>. Acesso em: 08/08/18.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/por-que-discussao-sobre-fake-news-deve-ser-levada-para-sala-de-aula/> Acesso em: 08/08/18.

- maneiras com que esse conteúdo é disseminado.

A autora ainda destaca sete tipos de notícias falsas que podem ser identificadas e combatidas nas redes:

1. sátira ou paródia: sem intenção de causar mal, mas tem potencial de enganar;
2. falsa conexão: quando manchetes, imagens ou legendas dão falsas dicas do que é o conteúdo realmente;
3. conteúdo enganoso: uso enganoso de uma informação para usá-la contra um assunto ou uma pessoa;
4. falso contexto: quando um conteúdo genuíno é compartilhado com um contexto falso;
5. conteúdo impostor: quando fontes (pessoas, organizações, entidades) têm seus nomes usados, mas com afirmações que não são suas;
6. conteúdo manipulado: quando uma informação ou ideia verdadeira é manipulada para enganar o público;
7. conteúdo fabricado: feito do zero, é 100% falso e construído com intuito de desinformar o público e causar algum mal.

No âmbito escolar, vários colégios têm adotado as dicas da Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) para ajudar os alunos a identificar notícias falsas:

- Considere a fonte da informação: tente entender sua missão e propósito olhando para outras publicações do *site*;
- Leia além do título: títulos chamam atenção, mas não contam a história completa;
- Cheque os autores: verifique se eles realmente existem e são confiáveis;
- Procure fontes de apoio: ache outras fontes que confirmem as notícias;

- Cheque a data da publicação: veja se a história ainda é relevante e está atualizada;
- Questione se é uma piada: o texto pode ser uma sátira;
- Revise seus preconceitos: seus ideais podem estar afetando seu julgamento;
- Consulte especialistas: procure uma confirmação de pessoas independentes com conhecimento.

A articulação, planejamento e metodologia para a abordagem do tema das *fake news* estará a cargo do professor e, para isso, evidentemente, a formação que esse profissional de educação básica recebeu para perceber a importância de um tema que não está no currículo (grade), mas que é de suma importância no contexto atual, talvez não esteja ao alcance dessa abordagem. Em outras palavras, como afirma Severino (2004, p. 17), é sabido de longa data acerca das deficiências na formação de professores da educação básica, sendo crucial enfrentar os problemas que afetam a educação brasileira, sobretudo tendo em vista ser o professor o “profissional da formação humana”.

Assim, para que o professor possa abordar não só a questão das *fake news*, mas outros temas que se fizerem pertinentes, é preciso conceber uma formação de um profissional que “reflita sobre sua prática, converta-se em um pesquisador que produz conhecimento e colabora para que outros conhecimentos sejam produzidos” (AZEVEDO, 2008, p. 45).

A seguir, selecionamos duas reportagens que discutem *fake news* na escola:

## Professor usa fake news para ensinar ciência na escola

Paula Adamo Idoeta - @paulaidoeta - Da BBC Brasil em São Paulo - 21 abril 2018



Alunos de Ourinhos (SP) estão levantando notícias de cunho duvidoso para serem analisadas com base em métodos científicos

**Alvo de debate ao redor do mundo por seu possível impacto na democracia, as fake news - notícias inventadas geralmente com o objetivo de viralizar na internet e influenciar consumidores e eleitores - têm sido usadas em uma escola particular do interior paulista para ensinar pensamento crítico e pesquisa científica.**

A iniciativa é do professor de ciências Estêvão Zilioli, de Ourinhos (a 360 km de São Paulo), que desenvolveu um curso semanal voluntário no contraturno para alunos do ensino médio. Os próprios estudantes buscam as notícias de cunho duvidoso para análise em sala de aula.

A ideia é que eles próprios se perguntem: essa notícia tem fontes e dados confiáveis? Merece ser acreditada - e compartilhada?

"Eles trazem as notícias das quais ficam desconfiados. Começamos com notícias de ciências e saúde, mas os alunos se interessaram também por notícias de entretenimento e política, por estarmos em um ano eleitoral", conta Zilioli à BBC Brasil.

"O método de checagem é o mesmo para todas: buscar informações de fontes confiáveis. Estou falando de método científico, de busca de informações seguras que possam ser demonstradas, até para eles entenderem que não é simples provar as coisas."

A aula se centra em discutir as notícias e em encontrar formas de checar as informações online - buscando as fontes originais dos fatos ou pesquisando em artigos acadêmicos, periódicos científicos, IBGE e sites de tribunais eleitorais, por exemplo.

As nuances das notícias têm sido úteis para os alunos entenderem a categorizá-las, diz Zilioli. "Vimos que há notícias falsas, mas também as que são baseadas em fatos verdadeiros, porém com títulos exagerados ou sensacionalistas", explica o professor, notando uma mudança no comportamento dos estudantes.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43789480>

## 'Fake news' entra no currículo para treino da capacidade crítica

Colégios discutem o tema e ensinam alunos a questionar origem dos conteúdos



Matheus Sawaya, 17, estudante do terceiro ano do ensino médio no Colégio MóBILE, na zona sul de São Paulo - Keiny Andrade/Folhapress

A última “fake news” que Matheus Sawaya, 17, teve de desmentir foi há pouco mais de uma semana.

“Recebi no grupo da minha família no WhatsApp a notícia de que o Brasil passaria pelo inverno mais frio do século. Logo depois, vi que não era bem assim”, conta o estudante, já craque em desconfiar do conteúdo que recebe via redes sociais.

Em uma época em que as notícias falsas pipocam nos celulares com alcance e velocidade recorde, os colégios têm colocado o tema no currículo para evitar que os alunos sejam presas fáceis.

“Essa é uma geração que está constantemente conectada às redes sociais, e é também a partir delas que os alunos se informam. É muito pouco usual um estudante acessar as fontes tradicionais de informação, como jornais e revistas. Por isso, está mais suscetível às ‘fake news’”, afirma Gabriele Schumm, professora de produção textual no Colégio Lourenço Castanho.

No Colégio MóBILE, onde Matheus cursa o terceiro ano do ensino médio, o assunto é abordado durante toda esta etapa de ensino. Para ele, o bacana é não somente aprender a identificar as “fake news”, mas, principalmente, “entender as consequências do fenômeno, explorar sua dimensão, como na eleição de Donald Trump nos EUA e, provavelmente, nas eleições do Brasil”.

O aprendizado se dá de forma interdisciplinar e ganha ênfase nas aulas de ética e cidadania, em que os estudantes aprendem a analisar fenômenos geopolíticos a partir de pressupostos científicos.

Roberto Candelori, que é professor da disciplina, explica que trabalha com atualidades em política nacional e internacional “para que os alunos tenham capacidade crítica de avaliar se são procedentes as notícias que encontram no dia a dia”. [...]

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/05/fake-news-entra-no-curriculo-para-treino-da-capacidade-critica.shtml>

As duas reportagens mencionam experiências de professores que abordam a questão das *fake news* esclarecendo a origem do fenômeno, a viralização na internet e a influência que essas falsas notícias causam em pessoas desatentas e de fácil manipulação. Os professores, tanto do interior paulista (Ourinhos), quanto da capital, ensinam pensamento crítico e pesquisa científica para que os alunos possam identificar e avaliar notícias das mais variadas fontes.

## **CONCLUSÃO**

O estudo realizado permitiu-nos compreender, a partir do referencial teórico selecionado, que a disseminação de *fake news* atrapalha as pessoas na distinção do que é real e do que é falso, porém que a cidadania digital prevalecerá e, assim, é preciso lidar com esse real e com esse virtual na nova composição da sociedade.

É preciso que a escola propicie ampla discussão sobre as *fake news*, com a comunidade escolar e também para além dela, de forma participativa a fim de combater e denunciar as falsas notícias. Ao professor cabe ensinar a técnica e, sobretudo, desenvolver o espírito crítico do jovem em relação ao que lê e ao que publica em redes sociais. Em relação à formação do professor, segundo Nóvoa (2011), o cenário atual aponta como necessário e urgente a organização da profissão do educador a partir de programas de desenvolvimento profissional docente e reconstrução do espaço acadêmico de formação, articulando debates sociopolíticos da educação.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, R. O. M. *Ensino de ciências e formação de professores: diagnóstico, análise e proposta*. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2008.

FREIRE, Paulo. *Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

NÓVOA, A. *Tendências atuais na formação de professores: o modelo universitário e outras possibilidades de formação*. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES. Águas de Lindoia. Anais Águas de Lindoia: Congresso Estadual sobre Formação de Educadores, 2011.

SEVERINO, A. J. *A formação e a prática do professor em face da crise atual dos paradigmas educacionais*. Ciência & Opinião, 2004.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.